

Os primeiros arquitetos do Pará: A ausência de diversidade no exercício da Arquitetura Moderna de Belém (1964 a 1970)

Lohanna Ferreira de Souza e Celma Chaves

Lohanna FERREIRA DE SOUZA é Graduada em Arquitetura e Urbanismo; Aluna da Universidade Federal do Pará; lohannasouza727@gmail.com

Celma CHAVES é Doutora em Teoria e História da Arquitetura, Professora titular da Universidade Federal do Pará; celma_chaves@hotmail.com

Resumo

Este artigo aborda a ausência de diversidade entre os que produziram a Arquitetura Moderna em Belém. Explora-se o exercício do fazer arquitetônico por meio da perspectiva historiográfica, com um paralelo histórico-cultural entre a prevalência do homem branco e os primeiros arquitetos formados pelo curso de Arquitetura da Universidade Federal do Pará em 1964, objetivando identificar fatores de privilégio de determinada classe de arquitetos. Constatou-se a partir de documentos que a turma fora constituída majoritariamente por homens e de classe social abastada, os quais em sua maioria obtiveram grande produção na Arquitetura Moderna de Belém. Aponta-se como reflexão final a necessidade de continuidade e aprofundamento na investigação que esclareça os fatores que determinaram tal seletividade.

Palavras-chave: Diversidade; Arquitetura Moderna em Belém; Primeira turma de Arquitetura.

Abstract

This article addresses the lack of diversity among the authors of Modern Architecture in Belém. The exercise of architecture is explored through a historiographical perspective, with a historical-cultural parallel between the prevalence of the white man and the first architects graduated from the School of Architecture of the Federal University of Pará in 1964, with the purpose to identify factors of privilege of a certain class of architects. It appears that the class was mostly represented by men and from a privileged social class, who chiefly obtained great productive recognition in the Modern Architecture of Belém, noting the need for persistent research on causal factors.

Keywords: Diversity; Modern Architecture in Belém; First class of Architecture.

Resumen

Este artículo aborda la falta de diversidad entre quienes produjeron Arquitectura Moderna en Belém. El ejercicio del trabajo arquitectónico es explorado a través de una perspectiva historiográfica, con un paralelo histórico-cultural entre el predominio del hombre blanco y los primeros arquitectos graduados en la Facultad de Arquitectura de la Universidad Federal de Pará en 1964, con el objetivo de identificar factores de privilegio de cierta clase de arquitectos. Se constató a partir de documentos que la clase estaba compuesta en su mayoría por hombres y clase social privilegiada, que en su mayoría obtuvo gran reconocimiento productivo en la Arquitectura Moderna de Belém, notándose la necesidad de persistencia de la investigación sobre los factores causales.

Palabras-clave: Diversidad; Arquitectura Moderna en Belém; Primera clase de Arquitectura.

Introdução

A produção da arquitetura é uma poderosa fonte de informação a respeito da sociedade na qual o projeto está inserido, assim como é verdadeiro que o meio social responde diversas perguntas sobre o exercício da arquitetura local. Diante desse sistema binário de influências indissociáveis entre sociedade e arquitetura, a arquitetura moderna permite a compreensão do interior e exterior, ou seja, histórias das famílias que habitaram os projetos do século XX que, por conseguinte, movimentam e selecionam os profissionais do campo que deixarão seus projetos como marco físico de seu legado. Em Belém, as obras modernas mais reconhecidas foram produzidas por nomes que se repetem em diversos projetos, incluindo personalidades consideradas influentes dentre do chamado “círculo privilegiado” (Stevens, 1998) como Camillo Porto e Alcyr Meira.

A existência de um grupo com maior produtividade local instiga a busca sobre fatores causais: afinal o que seria mais determinante para se tornar um grande profissional do setor construtivo em Belém? Existe um ponto em comum entre os profissionais locais? Se sim, qual? A ausência de diversidade no exercício da arquitetura moderna de Belém é uma constatação importante e provocativa diante de tantas questões projetuais que são imaginadas primariamente ao falar de arquitetura. A percepção de uma prevalência dos homens brancos na construção moderna mundial, também refletida na produção amazônica, provoca a busca de um histórico, o qual um dos marcos é a graduação da primeira turma de Arquitetura da Universidade Federal do Pará em 1964.

A profissão desenvolvida a partir desta primeira turma paraense permite a estruturação do fazer arquitetônico para a cidade de Belém por arquitetos¹ formados na região, que assim assumirão, em parte, a responsabilidade de constituir a história material local com suas obras, as quais estudos como o de Chaves (2017) evidenciam o diálogo com a cultura estadunidense e indicam a contato com profissionais atuantes em outras regiões do país, como o sudeste e centro oeste, que por sua vez conectam-se com referências europeias.

Elementos exógenos coloniais se expressaram em aspectos da arquitetura moderna no Brasil que não incorporou elementos das culturas negras e indígenas (Tavares, 2022), um sintoma de invisibilidade que não surge com o movimento moderno, mas se perpetuou

¹ A questão de gênero na arquitetura é parte da pauta deste artigo, contudo, a língua portuguesa compreende como neutro o uso de substantivos masculinos ao tratar-se de homens e mulheres, portanto, o uso destes será inevitável ao longo desta narrativa, pois a colocação contínua de “o/as” pode dificultar a fluidez do texto. Isto posto, é oportuno que o leitor tenha em vista a ambiguidade das palavras e do contexto exposto adiante, pois também se trata de uma determinação histórica em que a escola de Engenharia formou uma maioria masculina em frente a feminina, formados estes que constituem a base de profissionais dos anos aqui representados.

na história em diversos campos desde a escravidão. As questões nacionais geram impactos no Pará e em Belém, tendo em vista o contato dos engenheiros pioneiros que se tornam arquitetos e produzem a imagem moderna da cidade, onde há ausência de representatividade feminina, negra e indígena dentre os autores das edificações modernas reconhecidas como patrimônio cultural ou material. Em nível nacional, a diversidade social se apaga diante de prepostos elitistas, racializados e eugenistas, sob os holofotes da dinâmica intelectual, como as ideologias de “movimento tradicionalista” apoiadas por Lúcio Costa (Tavares, 2022). O presente estudo utiliza-se de pesquisa bibliográfica e documental, afim de relacionar aspectos socioculturais e historiográficos registrados até o momento, partindo de um recorte de profissionais formados pela Universidade Federal do Pará na primeira turma de adaptação de arquitetos/as para engenheiros/as em 1964, explorando possíveis aspectos que podem ter contribuído para a segregação e similitude econômica e social presente entre os nomes de maior reconhecimento no exercício de Arquitetura Moderna em Belém.

Existe a prevalência do homem branco na Arquitetura?

Abordar a temática da falta de diversidade não é uma pauta nova em diversos âmbitos de estudo, no entanto, ainda se analisa conceituação arquitetônica dissociada da visão social dos arquitetos (Lara, 2022, pág. 95), o que provoca uma compreensão parcial de uma produção que em grande parte está entrelaçada com a sociedade e visões a respeito desta. Qualquer tentativa de remover o contexto irá perpetuar raízes racistas se estas existirem (Lara, 2022). A história do Brasil, por sua vez, remete às faces de privilégio do homem branco, cuja mentalidade fora repassada repetidamente, tornando-se complexo afirmar com toda certeza o que não está sob influência de algum nuançe racista, misógino ou etnocêntrico.

A investigação deve partir das raízes, onde se observa a desumanização dos povos tidos como tradicionais (indígenas, caboclos, sertanejos, dentre outros) como o resultado do iluminismo europeu, onde a sociedade ideal era branca em raça e as demais eram selvagens (Munanga, 2004; Almeida, 2018, apud Miranda, 2020). A criação de uma idealização de superioridade provocou um etnocídio iniciado no Brasil com a expansão mercantilista, e que, de forma paulatina ao longo



do tempo, transvestiu-se em segregação e negação de direitos básicos para a sobrevivência desses povos e de sua cultura.

Outra questão seria a educacional, já que a carência nesse sentido parte de um racismo estrutural e que a falta de acesso à educação, por si só, já pode ser identificada como um fator causal para o baixo quantitativo de representatividade na atividade da arquitetura moderna, refletido nos números presentes na primeira turma de arquitetura registrada pela UFPA. Vale ressaltar a criação do curso em 1964, apenas 30 anos após a Constituição de 1934, onde mulheres tiveram pela primeira vez no Brasil a possibilidade de votar exercendo função pública remunerada, direito já concedido à população negra a partir da abolição, mas ineficaz diante do analfabetismo que estava vetado para votações (como previsto no o Código Eleitoral, lei nº 4.737/1965).

Com a existência de barreiras estabelecidas ao longo das décadas, avançar em direção à produção arquitetônica se torna um passo desafiador mediante a percepção distorcida pelo preconceito de que esses povos são retrógrados, incultos e até oportunistas, sendo essa visão um resquício do pensamento iniciado no século XV. Assim, afetados pela rejeição, uma parcela dessas pessoas não “ousa” deixar seu território de origem e campos já conhecidos de domínio intelectual, reprimidos por discursos como o de Lúcio Costa em 1928 quando opina que “arquitetura é uma questão de raça; se a raça for boa, a arquitetura também será boa” (Costa, Lúcio [entrevista], 1928 apud Lara, 2022, pág. 93).

O parecer de Costa reflete o pensamento de uma geração como a sua, assim como afeta os arquitetos que se “inspiram” nele, presentes em todas as regiões do Brasil, incluindo a norte, servindo de inspiração assim como seu colegas de profissão da Escola Paulista e Carioca, um exemplo é como Camillo Porto se intimou a arquitetura de Oscar Niemeyer. A colocação anterior pode soar tendenciosa, entretanto, ao investigar a fundo o depoimento de Lúcio Costa em sua entrevista para o jornal O Paiz, a pergunta que originara tal frase fatídica fora “acha o arranha-céu compatível com o nosso ambiente?” (ao falar do Rio de Janeiro), onde sua resposta respinga em opiniões audaciosas sobre como vê a população carioca e seu impacto na arquitetura e urbanismo:

“Com relação ao Rio acho o arranha-céu perfeitamente aceitável, uma vez que o desenvolvimento da ci-

dade o justifique como parece estar justificando. Sou apenas pessimista quanto á sua realização como monumento de architectura. E esse pessimismo não se limita ao caso particular mas se estende a architectura em geral e urbanismo.

Toda architectura é uma questão de raça. Enquanto o nosso povo for essa coisa exótica que vemos pelas ruas a nossa architectura será forçosamente uma coisa exótica. Não é essa meia duzia que viaja e se veste na rue de La Paix, mas essa multidão anonyma que toma trens da Central e Leopoldina, gente de caras lividas, que nos envergonha por toda a parte. O que podemos esperar em architectura de um povo assim? Tudo é funcção da raça.

A raça sendo boa, o governo é bom, será boa a architectura.

Falem, discutam, gesticulem, o nosso problema básico é a imigração seleccionada. o resto e secundário, virá por si." — Lúcio Costa em entrevista para o jornal O Paiz, em coluna chamada "O arranha-céu e o Rio de Janeiro" (1º de julho de 1928, p. 4).

Território social e identidade

Little (2018) define que territorialidade é um esforço coletivo de um grupo específico em usar, ocupar e se identificar com uma parcela específica de seu ambiente biofísico, transformando-a em seu território. Dessa forma, um território social e antropológico não se detém em limites regulamentados por posses legais ou em generalizações, pois território pode então ser desde um singelo quarto até um grandioso país, com o fator de identificação sendo o principal para separar ambos os exemplos, dependendo do grupo que está em pauta. Em paralelo, para Harvey (1980), a estrutura social se reflete no espaço urbano, onde a cidade aparece como um sistema em contínua transformação.

É, portanto, indissociável a produção do espaço urbano e território como Arquiteto e/ou Engenheiro sem considerar as questões raciais e étnicas que beneficiam certos grupos sociais no contexto brasileiro. Os pioneiros da produção de arquitetura moderna, tanto em Belém quanto em nível nacional, conseguiram se estabelecer em meio a conceitos e teorias produzidas embasadas em uma cultura colonizada, implicando ao menos o mínimo de contexto social harmônico com o já consolidado, uma dita territorialidade social viável para o estabelecimento desta arquitetura.

As portas abertas para produção arquitetônica estavam (e talvez ainda estejam) em sua maioria voltadas para o perfil que atenda tais demandas, em que

a elite econômica vai ao encontro a quem considera ser a elite intelectual. De acordo com Peixoto (2022, pág. 126), apesar da existência de uma elite que contratasse projetos modernos, nem todos os clientes admitiam “interferência dos arquitetos” dentro de suas casas na mesma medida. Essa premissa provoca o questionamento: Se dentre os escolhidos, já havia barreiras para trabalhar, o que ocorreu com os não escolhidos?

Se a produção se desenvolve a partir de um racionalismo europeu, como desenvolver a ruptura da dependência da teoria da eugenia? Se, dentre os considerados grandes nomes como José Marianno (cuja família era abastada), que defendia a profissão do arquiteto, a teoria emancipatória da arquitetura brasileira surge como um paradoxo do mimetismo. O discurso neocolonial que fora defendido no século XIX remete a uma cultura importada, uma identidade colonial que chegou com o colonizador e se enraizou, disputando espaço com a arquitetura vernácula empírica, a qual perde reconhecimento científico como expressão de progresso, deixando paulatinamente de ser entendida como identidade nacional e, ao chegar na Arquitetura Moderna, é tida como sem valor. Exemplo dessa mentalidade é que, para José Marianno (1929, pág. 2), “a separação biológica da raça” da população “melting-pot” (em tradução livre seria mistura de povos, expressão utilizada para descrever a integração cultural dos imigrantes nos Estados Unidos) arquitetura lhes é indiferente, qualquer estilo serve.”

Os pioneiros de Belém

Na era moderna brasileira, era desejável estar inserido em um padrão de elite intelectual para entender as dimensões das teorias europeias e estadunidenses, seja para importar materiais, técnicas, formas ou ideias. Os primeiros arquitetos e arquitetas formados no Pará estavam inseridos — de certa forma, — neste diálogo intelectual, pois eram engenheiros civis consolidados e que atuavam no mercado, seja em funções públicas ou escritórios espalhados pela cidade (Miranda et. al, 2015), tendo contato com as tendências construtivas em polos brasileiros como Rio de Janeiro e São Paulo, que por sua vez também faziam câmbio com ideias importadas. Os pioneiros da Arquitetura Moderna Brasileira como Lúcio Costa e Oscar Niemeyer, compartilham com os pioneiros locais como Camillo Porto, Alcyr Meira (arquiteto este responsável pelo projeto do campus da Universidade Federal do Pará em 1966, assim como outras diversas obras, eis um exemplar na figura 1) e Judah Levy: o gênero masculino, a cor da

pele e o poder aquisitivo, que apesar de não definirem suas carreiras e sucesso, são indicativos pertinentes sobre os que não chegaram aos holofotes.



Figura 1
Fotografia da fachada do Edifício Banna, uma das construções de Alcyr Meira
Fonte: Rebeca Dias, 2019 (publicação autorizada pela autora)

Com a constatação que na cidade há apropriação de uma arquitetura *Art Nouveau* e do *Art Déco* mais facilmente do que as palafitas, observa-se que havia naquele momento mais tolerância e desejo de inserir no cotidiano de Belém o estrangeiro — como ao nomear um empreendimento de “Paris N’América”, — do que produzir um programa de necessidades local, o que vai de encontro aos interesses da classe de empresários e profissionais liberais, onde contem a história de sua ascensão social por meio de suas edificações, história essa mais difícil de ser contada da perspectiva das mulheres e homens indígenas ou negros, que ainda lutavam por direitos básicos. Obras como as de Camillo Porto, ao serem realizadas para comerciantes ou políticos, evidenciavam um alto padrão de vida, com um escritório movimentado por projetos residenciais que são associados à sua imagem, como a residência Belisário Dias na Avenida Almirante Barroso (figura 2).



Figura 2

Fotografia da residência Belisário Dias em 2020, atualmente funcionando como clínica de oncologia
Fonte: Rebeca Dias, 2020 (publicação autorizada pela autora)

O processo de escolha dos professores para ministrar as aulas no novo curso podem nos revelar elementos da ausência de diversidade que aqui nos referimos. Escolhidos por Fernando Pedersen Lunardi, os primeiros docentes foram o arquiteto Amílcar Montenegro de Freitas (1º coordenador do Curso), Baldur Krapf, Bohdan Bujnowski, Jorge Derenji, recém-egressos da Faculdade de Arquitetura da UFRGS e que chegaram a Belém em 1964. Apenas na consolidação do curso apareceram as primeiras mulheres, a assistente social Maria Eunice Reymão, a socióloga Zuila Gonçalves (posterior coordenadora) e a licenciada em Geografia e História Maria Iracema Frota (MIRANDA et al, 2015).

Em Miranda et al (2015) há uma relação dos alunos que formaram as turmas iniciais (figura 3), dentre eles alguns renomados em Belém como Alcyr Boris de Souza Meira, Camilo Sá e Souza Porto de Oliveira, Lucia Daltro de Viveiros e Milton José Pinheiro Monte (figura 4); Em fotografias deste livro e disponibilizadas no Laboratório Virtual da FAU foram identificadas outras pessoas em contato com esta comunidade acadêmica, dentre eles algumas personalidades conhecidas como o “Engenheiro Bouez” e Antonio Couceiro. Dentre os 41 nomes presentes nos registros, apenas 14,6% (6) são mulheres, dentre os alunos o valor é mais tímido, com 5 alunas em um total de 28, somando 17,9%, a turma com mais mulheres foi a de alunos advindos do ensino médio, com três alunas representando 27,3%. Dentre os listados, 19 foram identificados em fotografias da turma, onde a cor da pele branca era sobressalente enquanto alguns sobrenomes evidenciam

as famílias de origem estrangeira, como La Rocque, Mokarzel, Wolf Livi, Bouez, entre outros.

A dominância masculina se entrelaça a uma maioria de alto poder aquisitivo, como evidenciado na entrevista de Antônio Prince Bouez para o site do Memorial César Moraes Leite. Este engenheiro aposentado, aluno da primeira turma de Arquitetura após se formar em Engenharia também na UFPA, comenta sobre seu processo de ingresso no nível superior, destacando-se o trecho em que se percebe o círculo social de um co-



Figura 3

Visita a ICOMI de 18 a 20 de junho de 1965, resgatada no acervo pessoal de Manoel José Maia da Costa. Fonte: Livro "uma formação em curso" de Cybelle Miranda, Ronaldo Carvalho e Dinah Tutuía, 2015



Figura 4

Residência projetada por Milton Monte na ilha de Mosqueiro - Pará
Fonte: Acervo LAHCA/UFPA. Cedido por Milton Monte à Profa. Celma Chaves em 2002

légio de alto padrão da cidade em que estava inserido na busca pela sua graduação:

“O vestibular na faculdade de engenharia, que era ali na travessa da Campos Sales, os números de matrícula eram apenas para 30 vagas. Eu fiz um grupo de amigos oriundos do Colégio Nazaré e outros, e nós começamos estudar paralelamente ao pré-vestibular, e fizemos o concurso.” (Universidade Federal Do Pará, 2014).

A busca por informações das mulheres constituintes destas primeiras turmas gerou pouco resultados, principalmente ao se consultar periódicos, onde a presença de seus nomes fora nula ou ínfima. A ausência dessas manchetes mencionando seus nomes se torna um fator curioso ao observar a presença constante dos colegas de classe homens que foram partícipes das mesmas turmas, constando com certa assiduidade em colunas de notícias ou casualidades informais, como para falar de festejos ou enviar “farpas” publicamente. Maria Lúcia de Moraes Moreira, aluna da primeira turma de arquitetura para alunos do ensino médio, foi uma das poucas arquitetas a receber a glória dos holofotes públicos com o prêmio Tiradentes em 22 de abril de 1966, a única a ser precedida pelo vocativo “arq.” (arquiteta) dentre diversos “dep” (deputados) e “dr” (doutores ou médicos) os quais receberam a mesma premiação (consta na notícia “aqui, a reação das 120 personalidades” do Diário do Pará, edição 01062 de 1986). Apesar deste fato, não foram encontrados outros registros de seu nome em notícias nos periódicos Diário do Pará e O Liberal, os quais concentravam maior parte das notícias que envolviam colegas de profissão como Camillo Porto de Oliveira.

A ausência de reconhecimento público não se restringe às alunas da primeira turma, pois mulheres envolvidas com a produção da arquitetura moderna de Belém seguiam à margem do reconhecimento, como a pioneira engenheira Angelita Ferreira da Silva que projetou em 1953 a Casa da Estrella, mas que é mais conhecida pelo nome de Casa Benedito Nunes (figura 5), nome do professor e filósofo que se mudara para a residência em 1954 (MACHADO, 2021) com sua esposa Maria Sylvia Nunes, casal para quem a casa foi projetada. Foram encontradas 3 referências à Angelita nos jornais de 1946 a 1990, nenhuma delas relacionada a sua profissão ou seus feitos arquitetônicos, apesar de em algumas estar com o nome associado ao de outros profissionais como La Rocque Soares (consta na matéria “por que o artista não vem” do Diário do Pará, edição 01605 de 1987).

² Fátima Viana é uma das arquitetas entrevistadas por Izabelle Machado em sua dissertação de mestrado intitulada "A mulher e a cultura arquitetônica na modernização de Belém: discursos e práticas entre 1950-1970", com pautas sobre inserção da mulher na arquitetura. A resposta em questão foi dada ao perguntar sobre quantas mulheres haviam em seu departamento (trabalhou em setor público)

A relação pública conflituosa entre manchetes e profissão ocorre com outras arquitetas, como Lúcia Viveiros e Zinda Lobato, na qual a primeira era tema de notícias por vida política, enquanto em nome da segunda foram identificadas diversas matérias sobre sua beleza e casamento. Não foram encontrados registros de fontes seguras sobre a atuação arquitetônica de ambas, dificultando a pesquisa sobre a atuação profissional destas mulheres em suas formações.



Figura 5
"Casa da Estrella". Residência projetada por Angelita Silva e Ruy Meira para Benedito Nunes
Fonte: Acervo site Benedito Nunes, disponível ao público © 2023

e Fátima responde dizendo: "Arquiteta até 1998 só eu, havia muitas da área de saúde, serviço social, administração, as mulheres são a maioria nos serviços de saúde pública." (pág 136), em outra pergunta sobre representatividade das mulheres no período de formação a resposta é significativa, apesar de fora do recorte temporal do artigo (formou-se em 1973) quando diz que "[...] na minha turma erámos 8 em 20, os professores, a maioria era homem" (pág 136).

Aspectos como estes soam irrelevantes quando se pensa apenas como noticiário, no entanto, a presença de mulheres assumindo cargos e obras como figuras públicas poderia servir de incentivo para outras posteriormente, pois o número de arquitetas trabalhando permaneceu baixo alguns anos após as primeiras turmas, como fica claro na entrevista concedida pela arquiteta Fátima Viana² para Izabelle Machado em 2020 quando diz que como arquiteta havia apenas ela em seu departamento até 1998 (LIMA, 2021).

Considerações finais

O levantamento de dados da primeira turma de arquitetura do norte do país demonstrou que dentro da pro-

blemática da falta de representatividade do projetar, existem raízes. Por meio deste estudo, identificam-se fatores potenciais para um histórico produtivo, apesar de não ser exclusivo como fator de causa ou consequência, mas se torna evidência expressiva de como se deu a produção da arquitetura moderna em Belém.

É necessário persistir no debate sobre a existência de círculos produtivos no fazer arquitetônico, pois é árduo buscar diversidade sem entender onde é preciso quebrar paradigmas para que se possam inserir novos profissionais e novas obras no debate, principalmente da arquitetura moderna, onde se perpetuou o trabalho de alguns poucos no reconhecimento popular.

Compreender as origens e preencher as lacunas históricas sobre a arquitetura moderna de Belém é mais do que formalidade regional, pois estes pioneiros delimitaram a modernização de uma grande capital, onde a rede de elite intelectual se interliga com todo o país, sendo então um reflexo de si mesma, da sua dinâmica regional, do intercâmbio de ideias nacional e internacional, e de uma notória prevalência do homem no fazer arquitetônico moderno.

Referências

AQUI, A REAÇÃO das 120 personalidades. **Diário do Pará**, Belém, 22 abr. 1986. Edição 01062, p. 16.

ARCHITECTURA de mentira. **O Jornal**, Rio de Janeiro, n. 3312, p. 02, 06 set. 1929a. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/110523_02/45176.

CHAVES, Celma. **Belém e os sentidos da modernidade na Amazônia**. Revista Amazônia Moderna, Palmas, v.1, n.1, p.26-43, abr.-set. 2017.

HARVEY, D.; CORRÊA, A. **A Justiça Social e a Cidade**. São Paulo: Hucitec, 1980.

LARA, Fernando Luiz. A pureza é um mito: discutindo as raízes racistas do cânone. In: ZEIN, Ruth Verde (org.). **Revisões historiográficas: arquitetura moderna no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Books, 2022. Cap. 7. p. 87-96.

LIMA, Izabelle Karoline Machado. A mulher e a cultura arquitetônica na modernização de Belém: discursos e práticas entre 1950-1970. Orientadora: Celma de Nazaré Chaves de Souza Pont Vidal. 2021. 141 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Instituto de Tecnologia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2021. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/14350>. Acesso em: 19 jun de 2023.

LITTLE, P. E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil: por uma antropologia da territorialidade**. Anuário Antropológico, [S. l.], v. 28, n. 1, p. 251-290, 2018. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/anuarioantropologico/article/view/6871>. Acesso em: 20 de Nov. 2022.

MIRANDA, Cybelle Salvador et al. **Uma Formação em curso: esboços da graduação em Arquitetura e Urbanismo**. Belém: UFPa, 2015.

MIRANDA, Thales Barroso. **A ilusão da igualdade:** natureza, justiça ambiental e racismo em Belém. Orientadora: Ana Cláudia Duarte Cardoso. 2020. 205 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) - Instituto de Tecnologia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2021. Disponível em: <http://repositorio.ufpa.br:8080/jspui/handle/2011/13873>. Acesso em: 20 de Nov. 2022.

O ARRANHA-CÉU e o Rio de Janeiro. **O Paiz**, Rio de Janeiro, p. 4-4, 1 jul. 1928.

PEIXOTO, Marta Silveira. Sobre a ausência dela: vagando no terreno das suposições. In: ZEIN, Ruth Verde (org.). **Revisões historiográficas:** arquitetura moderna no Brasil. Rio de Janeiro: Rio Books, 2022. Cap. 9. p. 118-127.

POR QUE O ARTISTA não vem. **Diário do Pará**, Belém, 10 dez. 1987. Edição 01605, Caderno D, p. 21. TSE – Tribunal Superior Eleitoral. Código Eleitoral - Lei nº 4.737, de 15 de julho de 1965. Brasília: TSE, 1965. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br>>. Acesso em: 19 de Nov. 2022.

RECONHECIDOS NA FOTO da antiga Escola de Arquitetura. **Laboratório Virtual - FAU ITEC UFPA**, 2014. Disponível em: <<https://fauufpa.org/2014/09/17/reconhecidos-na-foto-da-antiga-escola-de-arquitetura/>>. Acesso em: 28 de abril de 2023.

SANJAD, Andréa et al. **Benedito Nunes site oficial**, © 2023. Site dedicado à memória de Benedito Nunes (1929-2011) e sua obra sobre Filosofia e Literatura. Disponível em: <https://www.beneditonunes.org/casa-da-estrella>. Acesso em: 30 ago. 2023.

STEVENS, Garry. **O círculo privilegiado:** fundamentos sociais da distinção arquitetônica [1998]. Brasília: Editora UnB, 2003.

TAVARES, Paulo. **Lucio Costa era racista?:** notas sobre raça colonialismo e a arquitetura moderna brasileira.. Lisboa: Edlab Press Editora Eirele, 2022. 128 p.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ. Assessoria de Educação a Distância. Faculdade de História. A UFPA e os Anos de Chumbo: memórias, traumas, silêncios e cultura educacional (1964-1985) – Entrevista com Antônio Prince Bouez. Belém: **UFPA**, 2014. 1 vídeo. (1h e 16seg). Disponível em: < <http://www.multimedia.ufpa.br/jspui/handle/321654/1268>>. Acesso em: 03 de maio de 2023.

